"PRA NÃO TER ESSE EMBATE, MINHA PALAVRA CONTRA A SUA": ENTRE A PERDA DA CONFIANÇA E A SUPREMACIA DA VIGILÂNCIA

Catarina de Almeida Santos
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1864-4608
Endereço eletrônico: cdealmeidasantos@gmail.com

Gabriel Dias dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3280-7437
Endereço eletrônico: contato.gds@outlook.com

Willian Dalmagro Braga
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3072-6467
Endereço eletrônico: willian.braga00@gmail.com

Palavras-chave: conservadorismo; disciplina; vigilância.

INTRODUÇÃO

O que está entre aspas no título do presente texto foi retirado de uma resposta dada por uma das pessoas entrevistadas para a pesquisa "As alianças conservadoras, a política e a prática educacional: um estudo de caso comparativo do Brasil, do Chile e dos Estados Unidos". Financiada pelo CNPq, a pesquisa tem como objetivo compreender como as comunidades escolares (gestão, docentes e famílias) da educação básica dos países envolvidos rearticulam os argumentos utilizados por atores conservadores na educação no cotidiano da escola. No contexto brasileiro, as entrevistas em questão foram realizadas em escolas públicas de cinco cidades, sendo quatro capitais e uma cidade da região metropolitana da quinta capital.

Entre os temas encontrados no vocabulário conservador na defesa de suas agendas na educação está a "Disciplina" (Lima *et al,* 2025), termo que está em constante disputa e ganha diferentes significados a depender do sujeito que a emprega. No vocabulário conservador, a

"disciplina" é vista como mecanismo de controle dos corpos de jovens estudantes, buscando uma padronização de comportamentos e identidades, o que fica ainda mais evidente em escolas públicas militarizadas que seguem uma disciplina pautada na obediência à hierarquia e no patriotismo militar. Entendendo que a questão disciplinar é a porta de entrada para o conservadorismo na educação, entre as perguntas feitas às pessoas entrevistadas, questionamos como as escolas lidavam com esta temática no seu cotidiano.

Santos (2026) aponta que o termo disciplina possui significados distintos, dependendo do contexto e da forma que é empregado. Ela pode ser controle ou liberdade, coerção ou equilíbrio, construção coletiva ou imposição hierárquica, domínio de si ou dominação por outros. Na contramão da disciplina militar, autoritária, imposta, a perspectiva teórica e prática que embasa a pesquisa e da disciplina na perspectiva gramsciana que defende o desenvolvimento de uma lógica disciplinar que permita o sujeito a "subordinar voluntariamente seu próprio interesse egoísta aos interesses mais vastos da sociedade em que vive" (Gramsci, 2001, p. 99). Isso significa pensar a disciplina como construção coletiva, com o desenvolvimento de normas de convivência em sociedade respeitando a si e o outro, pautando um lugar comum no qual as individualidades convivam com e se construam com as coletividades.

Nessa perspectiva, ressaltamos que o presente trabalho não diminui a importância da "disciplina" no que diz respeito ao desenvolvimento humano, na organização das turmas e do trabalho pedagógico, no exercício da gestão, nas relações escolares de modo a garantir direito à educação dos sujeitos do processo educativo. Uma educação que, como propõe Paulo Freire, proporcione situações em que se experimente a força da unidade e se sublinhe o valor da unidade na diversidade.

> Nada que pudesse estimular o egoísmo, a falta de solidariedade, de companheirismo. Nada que trabalhasse contra a formação de séria disciplina do corpo e da mente sem a qual se frustram os esforços no sentido do saber. Tudo em favor da criação de um clima na sala de aula em que ensinar, aprender, estudar são atos sérios, demandantes, mas também provocadores de alegria (Freire, 2021, p. 125).

É a partir dessa contextualização que o presente trabalho busca problematizar a ideia de "disciplina" difundida no senso comum: a disciplina como sinônimo de controle do ser, do sentir, do pensar, do existir, de negação das individualidades, da imposição e obediência ao querer hierárquico. Disciplina enquanto corpos padronizados, higienizados e sem voz. Além disso, o atravessamento com questões de segurança, outro importante termo no vocabulário conservador, surge como fundamentação para o uso de câmeras de vigilância não apenas nos corredores e arredores da escola, mas dentro das salas de aula. Com efeito, a ideia de vigilância entra como estratégia de garantir o disciplinamento dos estudantes. Contudo, diferentemente de estudos anteriores onde vimos as câmeras de segurança que visavam vigiar o trabalho docente em virtude da suposta doutrinação ideológica nas escolas, ou uso desses artefatos para diminuir a violência escolar, entre os achados desta pesquisa, identificamos docentes e gestoras que encontraram nesses sistemas de monitoramento um (falso) aliado no momento de lidar com as famílias dos discentes.

METODOLOGIA

Metodologicamente, os dados empíricos produzidos foram analisados a partir da análise relacional (Apple, 2006). Em linhas gerais, Apple (2006) argumenta que a análise relacional consiste em examinar as múltiplas interações entre um objeto de estudo e a sociedade como um todo, levando em conta os diferentes fatores e agentes que a compõem. Logo, ao tratar da militarização da educação, é imprescindível que se considerem todos os elementos que a constituem enquanto política educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ser questionada se a escola já havia sofrido críticas da comunidade em relação a como trabalhavam questões disciplinares na escola, a professora entrevistada responde:

> Os pais às vezes reclamam, né? Por que um aluno foi suspenso, foi advertido, mas a direção procura sempre explicar, né? E falar por que que teve tal atitude. A escola também tem câmeras, então mostra para o pai, assim, nesse dia seu filho fez tal coisa.

> (...) Então, para não ter esse embate, né? Se a minha palavra contra a sua. Então mostra ele, olha, aconteceu isso.

Na fala da professora percebe-se um importante elemento na relação comunidade x escola: por mais que as famílias demandem pelo disciplinamento de seus filhos e filhas na escola, a desconfiança do trabalho docente ainda aparece como fator decisivo nessa interação. Assim, docentes diariamente desacreditados, encontram respaldo nesses sistemas de câmera de vigilância.

A fala de uma das gestoras entrevistadas, em outra cidade, corrobora com a afirmação de que as câmeras de vigilância muitas vezes estão lá mais para inibir maus comportamentos do que garantir segurança ou vigiar docentes:

> A gente tem várias câmeras, a gente tem várias câmeras, muitas. Em praticamente todos os corredores da escola a gente tem câmeras, e na área externa também a gente conseguiu uma verba extra para implementar as câmeras, mas foi uma necessidade que a gente sentiu enquanto escola, não tanto por causa da questão da violência, mas porque às vezes aconteciam algumas coisas que não eram muito positivas nos corredores da escola, e a gente ficava, "ah, foi tal aluno", isso assim, agora a gente consegue vigiar bem, então a gente tem isso também.

A instalação de câmeras em sala de aula tem provocado muitos questionamentos, não só pela questão da vigilância do trabalho docente, mas também pela segurança de dados e proteção da privacidade de discentes e docentes. A insegurança docente, no entanto, parece estar normalizando esse uso entre as e os profissionais da educação básica. Ao ser indagada sobre como se sentiu com a instalação de câmeras na sala e se houve resistência por parte do corpo docente, a entrevistada respondeu: "Não, a princípio, deu um pouco de incômodo, eu que estou lá há mais tempo, eu me senti um pouco incomodada, mas depois eu vi que foi bom pra segurança, porque tudo que ocorre a câmera registro, mas no início eu me senti um pouco invadida, sim".

CONCLUSÕES

Retomando o título tema do texto, **"Pra não ter esse embate, minha palavra contra a sua": entre a perda da confiança e a supremacia da vigilância** é preciso lembrar Freire quando afirma que a descredibilidade contra o professor é um projeto político de dominação.

Assim como não podemos perder de vista que descredibilizar a escola e seus sujeitos, também o é. Freire sempre entendeu que a desconfiança contra as professoras e professores é uma estratégia das elites conservadoras para esvaziar o papel do educador, reduzir o ensino à simples transmissão de conteúdos técnicos e impedir o desenvolvimento do pensamento crítico por parte dos e das estudantes. Nesse sentido, as múltiplas formas de vigilância do trabalho docente, mas também da escola e seus sujeitos, fazem parte da engrenagem daquelas e daqueles que não querem formação de estudantes críticos, de uma educação para a liberdade. Os conservadores insistem na de respostas e renegam a educação de perguntas, tendo em vista que essa última é criativa, estimula a capacidade humana de se indignar, questionar a ordem estabelecida, buscar respostas para as perguntas e soluções viáveis para os problemas essenciais, existenciais, sociais e coletivos.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael Whitman. **Ideologia e Currículo**. Tradução de Vinicius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de Araujo. **À sombra dessa mangueira**. 15ª Edição, Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere:** Volume II. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LIMA, Iana Gomes de et al. O vocabulário do conservadorismo na educação brasileira: um glossário em construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 25, 1140, 2025.

SANTOS, Catarina de Almeida. Quem é contra é porque tá querendo reforçar a bandidagem: as razões dos agentes públicos para militarizar as escolas. *In*: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório de Políticas Públicas. **Meia-volta, volver**. Rio de Janeiro: LPP-UERJ, 2026. **No prelo**.